



A Epistemologia Complexo-Compreensiva: arte, ciência, jornalismo e suas inter-relações.¹

Maria Carolina Giliolli GOOS²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

O artigo discute a epistemologia complexo-compreensiva como alternativa de articulação da ciência, da arte e de outros saberes presentes na sociedade e suas relações com o processo de produção jornalística. Indo ao encontro das inquietudes atuais, sobretudo na busca pelo entendimento desse fazer jornalístico, a visão de mundo complexo-compreensiva direciona o texto para um diálogo com as formas plurais dos saberes, contrapondo-se ao modo reducionista de pensar a realidade, que não contempla as demandas atuais da sociedade e da comunicação na contemporaneidade. Trabalha-se de modo ilustrativo a realidade dos Cadernos de cultura, em especial nas seções dedicadas à dança contemporânea.

Palavras-chave: comunicação; teorias da comunicação; epistemologia complexo-compreensiva; pensamento complexo; jornalismo cultural.

Descartes, o primeiro grande arquiteto da visão mecanicista observava o mundo como um relógio, como se fosse capaz de montar, desmontar, reduzindo-o a peças simples, de tal modo que se tornasse mais fácil o seu entendimento. Essa visão, que dominou a sociedade durante 300 anos, tendo inicialmente provocado uma ruptura com o pensamento filosófico e teológico medievais, almejava o mundo autônomo, em contradição com um pensamento que o vê sob a regência eclesiástica. Daí o fascínio, para Descartes, da metáfora do relógio. O pensamento cartesiano, no entanto, acabou produzindo a idéia de que todos os seres vivos, plantas, animais fossem iguais as máquinas. Esse pensamento acabou por tomar conta da arte, da política etc., tornando-se igualmente uma forma de as pessoas se relacionarem umas com as outras e de entenderem a própria prática de suas profissões.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Mestrando do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: carolgoos1@gmail.com



A idéia que norteia este artigo não é a de condenar o pensamento cartesiano, tachando-o como o mal de todas as ações reducionistas. O que se busca é reconhecer suas limitações, tirá-lo do terreno da pretensa segurança em que se manteve durante muito tempo. Considera-se, nesse contexto, que existem outros elementos, que são vitais para a construção de um novo modelo de pensamento, com a possibilidade de construção, também, de novas práticas, mais plurais e menos mecanicistas de ler a sociedade e reportá-la aos leitores.

Observar a vida como máquina pode ter sido útil por um período de pelo menos 300 anos, mas hoje isso se tornou uma visão danosa. Uma alternativa a esse pensamento vale-se das contribuições da transdisciplinaridade, de Edgar Morin, da epistemologia complexo-compreensiva, de Dimas A. Kunsch, da passagem do Signo da Difusão para o Signo da Relação, de Cremilda Medina, do jornalismo com alma, de Edvaldo Pereira Lima, e das relações de interdependência, de Fritjof Capra.

Esse repertório teórico é que o sustenta o garante segurança no aprofundamento da área de interesse da autora que é o Jornalismo Cultural (JC), mais especificamente a seção de dança contemporânea³, que para Katz, além de ser uma manifestação artística, é também uma forma de conhecimento do mundo.

E, considerando que o JC é uma especialização da profissão jornalística que abrange diversas manifestações no campo da cultura, tanto de cunho erudito quanto popular ou de massa, é fácil observar uma tendência à pluralidade temática, ou seja, uma ampliação da abordagem para além das chamadas “sete artes” (dança, teatro, música, cinema, pintura, escultura e literatura), com a inclusão de temas como moda, televisão, artes plásticas, artes visuais, gastronomia, quadrinhos e manifestações artísticas regionais e internacionais.

Jornalistas que trabalham nessa editoria ganhariam com o desapego às concepções, que não suprem mais as necessidades de um tempo novo, em que a chamada “globalização” coloca a sociedade para relacionar-se com a prática do não-preconceito. É o caso de não continuar levantando uma bandeira superficial e

³ Pesquisa desenvolvida para a obtenção do título de mestre na Faculdade Cásper Líbero. O trabalho pretendeu compreender qual o tratamento que se tem dado ao JC, especialmente no concernente às seções direcionadas ao tema dança contemporânea, e verificar sob qual ótica a prática dessa especialização é exercida em três diferentes jornais brasileiros, *Folha de S.Paulo (Ilustrada)*, *Diário de Pernambuco (Viver)* e *Zero Hora (Segundo Caderno)*, das cidades de São Paulo, Recife e Porto Alegre, respectivamente. A análise da seção de dança serviu para ilustrar, fazer um recorte no JC e observar a intensidade com que as reportagens e críticas são produzidas, se de maneira pluralista e compreensiva, ou se o contrário é o que acontece, ou seja, uma produção mecânica e fechada na observação e registro dos acontecimentos.



mutiladora no âmbito do conhecimento, incapaz de olhar as diversas facetas no entendimento e no registro da complexidade presente nos fatos. Como afirma Morin:

A idéia de complexidade reapareceu marginalmente, a partir da cibernética e da teoria da informação. Foi Warren Weaver, co-formulador, com Shannon, da teoria da informação, quem disse, num importante artigo sobre complexidade – publicado no *Scientific American*, no início dos anos 50 -, que a complexidade desorganizada – referia-se ao segundo princípio da termodinâmica – e que o século XX deveria presenciar o desenvolvimento das ciências da complexidade organizada. Mas para todos esses investigadores a palavra complexidade é muitas vezes sinônimo de complicação, isto é, de uma tal imbricação de ações, interações, retroações, que nem o espírito humano nem um computador extremamente potente poderiam medir, ou mesmo discernir os elementos e os processos desta teia emaranhada (Morin, 1984: 13-14).

Desprezar as partes conduz a ações empobrecidas e limitantes. Neste sentido, a compreensão surge como um elemento capaz de estabelecer um diálogo consistente no contato com diversas teorias e visões de mundo, produzindo assim a prática de seu significado. Compreender significa, originalmente no latim, juntar, abranger, abraçar. A compreensão se ocupa em ser terna, se engrandece com a parceira do singular e plural; ela conversa com a complexidade, faz com que aconteça uma conexão entre a poesia e a lógica. Trata-se de um lugar onde a ternura e a rebeldia pedem espaço para caminhar juntas.

Manter uma atitude complexa e pensar compreensivamente não significa assumir uma postura de passividade. Pelo contrário, essa noção assume uma postura de contestação, quando não julga importante a mera explicação ou informação e sim busca exercitar um pensamento que ordena coerentemente informações e saberes de forma aberta. Como na perspectiva de Kunsch:

Dois são os mais relevantes significados do termo compreensão para os quais se está chamando a atenção (...). O primeiro é de tipo intelectual, cognitivo, objetivo, enquanto o segundo vê a compreensão em sua relação com a intersubjetividade e os vínculos humanos (Kunsch: 2008, 187,188).

Nesse sentido, informar é permitir ao leitor que se sinta responsável por uma mudança. O jornalismo de caráter transformador estreita a relação entre jornalista e público, saindo do esquema sujeito-objeto para sujeito-sujeito, conforme Medina. Faz com que o leitor saiba onde está, trazendo informações mais contextualizadas, considerando sua história para obter maior entendimento da realidade. Ainda conforme Kunsch:



Trata-se, aqui, da possibilidade de imaginar um conhecimento hábil no exercício do diálogo entre diferentes saberes ou modos de aproximação ao mundo; que junta e não que (apenas) separa; que não condena a competência do especialista nem o espaço da disciplina, mas os integra numa arena mais ampla de conversação (Kunsch, 2008: 188).

Fritjof Capra (1988), ao falar sobre a crise da percepção, nos aponta Isaac Newton (1643-1727) como o responsável por transformar teoria científica em poder e, antes dele, Francis Bacon (1561-1626) que, no reinado de Jaime I, julgou como bruxas mulheres que prescreviam a medicina popular aos doentes, levando-as à tortura. Bacon também acreditava que a natureza devia ser “caçada”, posta para “trabalhar”, ser “escravizada”, além de mencionar a Mãe-Natureza como mulher, num tom de bruxaria. O que se observa na ciência moderna é que ela ainda é refém dessa “tortura”. Depois de séculos a tortura que Bacon sugeriu ainda ocorre: tortura-se o planeta. E a devastadora noção patriarcal do homem como dominador continua.

Capra investiga as implicações e impactos de uma mudança de paradigmas, que teve seu ponto de partida na observação dos principais problemas visíveis do século XX – ameaça nuclear, destruição do meio ambiente, desigualdades e exploração, preconceitos políticos e raciais, etc. – como sintomas ou aspectos diversos que, no fundo, não passam de uma única crise fundamental, que é uma crise de percepção, uma percepção distorcida baseada no individualismo e na separação entre pessoas, coisas e eventos.

O atual paradigma, que já deu inúmeras mostras de esgotamento e de incapacidade de solucionar problemas básicos e existenciais do ser humano, vem dominando amplamente a cultura e educação há quase 400 anos, desde que Copérnico conseguiu enfrentar uma visão dogmática ultrapassada da Igreja Católica, abrindo espaço para a Revolução Científica de fins da Idade Média, e que, com o tempo, legou nomes como Galileu, Descartes e Newton. Esse paradigma, que Capra chama de newtoniano-cartesiano, teve um impacto benéfico ao libertar a razão das amarras da superstição e do controle eclesiástico, mas foi, com o tempo, hipertrofiado.

Partilha-se do pensamento de que o conhecimento humano está longe de ser sólido e concluído e de que esse conhecimento escolhe alguns elementos e descarta outros, na linha do pensamento que diz o que é e o que não é válido em ciência. Os escritos de Capra contemplam essas preocupações, pois a visão de mundo mecanicista e fragmentada é nociva à civilização. Mudanças radicais são necessárias e devem refletir-



se em atitudes mais orgânicas, complexo-compreensivas entre os seres humanos e entre estes e a natureza, em todos os seus aspectos.

O pensamento de Capra se aproxima a idéia de pluralidade como uma maneira sensível e significativa de entendimento, o que propicia uma mudança fundamental da compreensão humana quanto à natureza do conhecimento científico, quer na esfera da comunicação, física, biológica e humana, o que implica, em linhas gerais, uma extraordinária, embora ainda não muito bem sentida e/ou pouco avaliada transformação cultural.

Capra defende que as sociedades urbanas, assim como os ecossistemas – ambos sistemas vivos que contêm os mesmos princípios de organização – podem alcançar a sustentabilidade. Ele pontua que em qualquer sistema vivo há relações de interdependência entre seus componentes, de cooperação generalizada, de reciclagem da matéria, tendendo sempre ao equilíbrio, mas que, no entanto, a economia e o sistema industrial ainda permanecem lineares. Assim, para reverter este quadro, ele acredita que deve haver uma mudança de paradigmas, concebendo o mundo como um todo integrado, um conjunto de sistemas interconectados, e não como uma coleção de partes dissociadas.

A sociedade oriental resume Capra, entende as dualidades como complementares, o que a sociedade ocidental equivocadamente classifica como antagonismo, desequilíbrio e incompatibilidade – homem e mulher, sol e lua. Observando que essas ações são mutilantes, a epistemologia complexo-compreensiva apresenta-se como um princípio que privilegia a tendência à interconectividade, que, para Capra, valoriza probabilidades de conexões. Perceber a realidade com suas diversas formas, e não apenas por meio de uma forma específica, única, significa entender que o pensamento das monocausalidades não ajuda a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea.

Essa visão do universo constituído de harmonias, sons e relações não é nova, sendo que é uma ilusão continuar imaginando os elementos da vida separadamente, conforme explica Capra:

Considero a ciência e o misticismo como manifestações complementares da mente humana, de suas faculdades intelectuais e intuitivas. O físico moderno experimenta o mundo através de uma extrema especialização da mente racional; o místico, através de uma extrema especialização de sua mente intuitiva. As duas abordagens são inteiramente diferentes e envolvem muito mais que uma determinada visão de mundo físico. Entretanto, são complementares, como aprendemos a dizer em Física. Nenhuma pode ser realmente compreendida sem



a outra; nenhuma pode ser reduzida à outra. Ambas são necessárias, suplementando-se mutuamente para uma compreensão mais abrangente do mundo. Parafraçando um antigo provérbio chinês, os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não os seus ramos; os cientistas compreendem seus ramos, mas não as suas raízes. A ciência não necessita do misticismo e este não necessita daquela; o homem, contudo, necessita de ambos. A experiência profunda da mística é necessária para a compreensão da natureza mais profunda das coisas, e a ciência é essencial para a vida moderna. “Necessitamos, na verdade, não de uma síntese, mas de uma interação dinâmica entre intuição mística e a análise científica” (Capra, 1995: 228).

Lembra-se então da cosmovisão hinduísta, em sua crença de que a dança, sustentaria o universo, num fluxo contínuo de energia, prova que o verdadeiro saber não vem somente ligado à intelectualidade e de que não existe a pura verdade do conhecimento e, sim, uma verdade que se constitui a partir da dialogia entre narrativas míticas, artísticas, científicas, biológicas e emocionais. Exercício importante para a sociedade, a admiração pela flexibilidade, em sua diferença em relação à ótica patriarcal, newtoniano-cartesiana, que é cega para uma visão mais arejada como base para uma forma de conhecimento mais abrangente e fértil.

O pensamento complexo-compreensivo se contrapõe ao modelo de pensamento que utiliza caixas fechadas, compartimentadas, onde de um lado está o racional e, bem mais adiante, o não-racional, a ciência em oposição à ternura, o dualismo do bem e o mal, a narrativa e as respostas provenientes da pirâmide invertida e do *lead*, a arte em oposição à ciência. A epistemologia complexo-compreensiva propõe uma maneira aberta de narrar os acontecimentos, levando ao jornalista uma visão que agrega diversos elementos e domínios, a fim de tornar a produção jornalística mais aberta e menos opinativa, transformando reportagem, de um espetáculo de dança, não só como uma manifestação artística que mereça estar ocupando somente a agenda cultural, mas sim incentivar os jornalistas a fazer uma investigação fértil sobre o tema.

Essa atitude provocaria no leitor uma nova experiência de observação da arte como forma de conhecimento do mundo, resgatando assim a natureza do trabalho artístico, absorver seus sentidos, fazendo crescer um processo abundante de pensamentos e o reconhecimento das interdependências das linguagens, como essencial para um olhar não mutilador. Capra nomeou essa relação de interdependência como *Teia da Vida*, que significa interconexões de saberes, linguagens e manifestações em que nada é posto de lado e sim, as diferenças se reconfiguram o que transforma e reforma o pensamento produzindo narrativas complexas e compreensivas.



Com efeito, é de maneira complexa, e não reducionista, que a arte deveria ser compreendida, no diálogo com as múltiplas e diferentes formas de conhecimento. Um *fazer* jornalístico mais arejado só encontra espaço quando existe abertura e capacidade de diálogo com novas e diferentes propostas do saber.

Morin (1984) acredita que o século XXI deverá abandonar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade, pela técnica, pelas atividades utilitárias, pelas necessidades obrigatórias. O ser humano é complexo e traz em si o *sapiens* e *demens*, isto é, o sábio e louco, *faber* e *ludens* (trabalhador e lúdico), *empiricus* e *imaginarius* (empírico e imaginário), *economicus* e *consumans* (econômico e consumista), *prosaicus* e *poeticus* (prosaico e poético). Morin apega-se no ensino da compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

O que deve comunicar são as estruturas do pensamento, e não apenas a informação. O que é necessário é compreender o modo de estruturação dos outros tipos de pensamentos diferentes do nosso, e isto não é só de cultura para cultura, mas também no interior de uma mesma civilização (Morin, 1984:32).

Kunsch (2008:173) chama a atenção para a necessidade de se “compreender a compreensão em sua dupla relação com o conhecimento e com os sujeitos humanos, a natureza e o mundo”. Uma proposta de se pensar e praticar a comunicação, um refúgio possível frente ao paradigma cientificista, da dominação; uma abertura para o racional e o não-racional; a possibilidade de olhar a arte como forma de conhecimento do mundo. Para ele, “A compreensão reforça os sentidos dialógicos, de não-arrogância e de não-violência, inscritos numa epistemologia que não se contenta em se dizer e praticar complexa, quer ser também intelectual e humanamente compreensiva” (Kunsch, 2004:9).

A proposta de Medina para o jornalismo em geral é a transformação do Signo de Difusão para o Signo da Relação, sendo que este último implica “uma crise da degenerescência do signo da divulgação”, isto é, a mudança da relação de “sujeito-objeto para sujeito-sujeito”, onde o jornalista deixa de olhar os acontecimentos como um objeto distanciado e passa a interpretá-los de uma maneira interativa, compreensiva, o que se aproxima de um pensamento democrático na produção jornalística.

Considera-se o jornalismo como uma narrativa dos acontecimentos atuais que ainda está atrelada ao pensamento de tipo cartesiano, gerando um modelo, para o qual Medina chama a atenção, preocupado numa “transferência dos conteúdos dos especialistas aos leigos” (Medina: 2006,13). Ou seja, uma maneira simples de divulgar



o fazer científico para o público; um recurso de aproximação ao trabalho científico na mídia especializada e na grande imprensa, em que o jornalista ocupa o papel de tradutor de conteúdos científicos.

Medina propõe a reciclagem da relação causa e efeito, da maneira tradicional de se pensar a produção jornalística, fincada na idéia de que sempre existe um fator único para os acontecimentos. O jornalista, em geral, sente dificuldade de perceber que os acontecimentos merecem ser vistos em suas múltiplas causalidades, em sua complexidade.

A editoria de cultura, como todas as outras editorias que compõe os jornais impressos, estando inserida num universo com uma herança de abordagens reducionistas, tem sua produção aprisionada pelo agendamento e realizada sob a ótica tradicional do *fazer* jornalístico, de caráter fundamentalmente difusionista, além de simplificador. Atesta-se a necessidade de uma epistemologia complexo-compreensiva, tendo em conta que:

Compreender, de *comprehendere*, evoca originalmente a idéia de abranger, de juntar e abraçar. É compreensivo, nessa linha, um pensamento não reducionista e não estrangeiro ao texto e contexto, ao território e aos seus acidentes geográficos. Um pensamento mais afeto ao geral que à parcelização. Fazendo dialogar o uno e o múltiplo, as partes e o todo, o singular e o plural, um pensamento compreensivo está, assim, próximo a quanto propõe a epistemologia da complexidade, antes esboçada. É compreensivo e, também por isso, compreensível, uma vez que o pensamento mutilante é, também ao mesmo tempo, mutilador das virtualidades de entendimento e de compreensão (Kunsch, 2004:9).

Ou seja, um *fazer* jornalístico mais arejado só é possível quando sabe unir as novas propostas complexas e compreensivas em suas reflexões, considerando que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo – como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico. (...) A complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2000:38).

Para Medina, o jornalismo produzido na atualidade sofre de atrofia estética, técnica e ética e, em geral, as produções jornalísticas não conseguem responder às demandas coletivas. Isso porque o jornalista frio e objetivo não percebe diante dos acontecimentos a compreensão necessária que a realidade fragmentada e caótica lhe propõe narrar.



É certo que este modelo está atrelado ao pensamento difundido no Ocidente, uma herança iluminista e Medina (2008), ao explicar essa herança positivista e ao propor o que chama de diálogo dos afetos, indica o positivismo como uma influência na produção jornalística, que diluiu na sociedade uma racionalidade esquemática, que se satisfaz com a idéia do mecanicismo no cotidiano e que anula qualquer possibilidade de uma postura criativa.

O caminho de uma prática jornalística que escape do signo da difusão para a arte da relação é, para a autora, o movimento capaz de transformar a realidade jornalística. O comunicador que se distancia da obrigação da técnica e do controle das informações é desafiado, assim, a se aproximar de uma postura humanizada e, conseqüentemente, dedicar-se à prática da dialogia, o que significa abandonar o “consagrado” sistema linear de emissor-receptor, criando “elos na negociação simbólica”.

Ao agente de cultura chamado jornalista cabe produzir narrativas atravessadas por contradições, embates de visões de mundo, incertezas, interrogações. Essa atitude é incompatível, por exemplo, com a arrogância de certos jornalistas, tanto manifesta em notícias curtas quanto em grandes reportagens ou comentários críticos. Nas páginas de artes, reflexões científicas ou filosóficas em que se expressa o chamado “jornalismo cultural”, verifica-se, seguidamente, a presença de textos que não lançam interrogações sobre a produção artística. No cotidiano da cobertura jornalística, sejam notícias, reportagens de maior fôlego ou resenhas críticas, aplicam-se ao artista e à obra de arte, juízos de valor e preconceitos (quase sempre destrutivos). Os sentidos que atravessam essas freqüentes avaliações se revelam impermeáveis, por exemplo, à ambigüidade poética da arte (Medina, 2006:82).

Medina explica que, “são necessários engenho e arte para fazer circular significados rigorosos e confiáveis, colhidos por mediadores-autores em que a competência racional e a sensibilidade ética andam juntas” (Medina, 2006:95). Avista-se outra forma de observar o mundo, com a esperança de que é possível enxergar o repórter como um “artesão criativo do diálogo”, capaz de transformar o saber cotidiano (Medina, 2006:15). Artesão que tem a responsabilidade de criar sentidos perante os acontecimentos da realidade que visita: fugindo de valores individualizados e inspirando-se na capacidade de mediar os múltiplos sentidos das coisas (polissemia), assim como as múltiplas vozes (polifonia) que expressam o *conflito das versões* (Medina, 2005:23).

Na mesma direção, Kunsch insiste na necessidade de uma postura compreensiva como base para a construção de narrativas igualmente compreensivas, tendo em conta a complexidade da sociedade, da vida. Atitude que demanda ternura, como lembra Luis



Restrepo (1998), e generosidade para um entendimento e diálogo entre as diversas disciplinas. Isso significa não desconsiderar a trajetória histórica de cada um, e sim uma visão suficientemente desobediente, capaz de desatar o nó da passividade construída sob a sombra do modelo cartesiano.

Estar disponível a essa mudança de postura é entender que o mesmo incômodo que a postura afetiva causa ao ambiente científico também é percebido no cenário jornalístico. Isso porque “tanto as gramáticas científicas quanto as gramáticas jornalísticas se constituem, no final do século XIX, fundamentadas na mesma visão de mundo e, por isso, também os conceitos operacionais e as técnicas de trabalho se conjugam”. Conseqüentemente, o afeto é expelido do universo do cientista; o que é facilmente comparado com o temor do jornalista de se locomover “no terreno pantanoso das intersubjetividades do mundo cotidiano” (Medina, 2006:10).

Essa alergia ao diálogo dos afetos constitui o dilema do analfabetismo emocional contemporâneo, grito do psicanalista colombiano [Luis Carlos Restrepo]: “Cada vez mais estamos dispostos a reconhecer que o tipicamente humano, o genuinamente formativo, não é a operação fria da inteligência binária, pois as máquinas sabem dizer melhor que dois mais dois são quatro. O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de nos emocionarmos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos perturbam” (Medina, 2003:60).

Além disso, Medina nos convida a olhar a “massa” a partir de novas perspectivas, pois já que a “massa” está em transformação, é errôneo pensar na existência de um diagnóstico fechado para tudo. Contaminado por essa ideologia, ou visão de mundo, o jornalista tende a elaborar o trabalho jornalístico também de maneira fechada, reducionista, como se a vida assim o fosse. No fundo, as idéias de complexidade, compreensão e comunicação se complementam:

O problema da complexidade tornou-se uma exigência social e política vital no nosso século: damo-nos conta de que o pensamento mutilante, isto é, o pensamento que se engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é um pensamento que conduz a acções mutilantes (Morin, 1996:14).

Para o filósofo René Descartes, na prática da ciência deve-se duvidar de cada idéia que possa ser questionada. Diferente dos antigos filósofos gregos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque assim deve ser, o filósofo estabeleceu que só possui existência aquilo que pode ser provado. Ele fundamenta a prova da própria existência no pensamento: “Penso logo existo” (*Cogito, ergo sum*).



Restrepo (1998) ao tematizar a ternura, aciona uma reflexão sobre a trajetória do público e privado, que não é somente uma discussão rasa em torno do gênero e das problemáticas da educação ocidental, e, sim, um desafio a encontrar nas entrelinhas elementos de reflexão sobre as narrativas do cotidiano e também um movimento de transformação da dureza do discurso científico. Ao contrário de excluir, Restrepo propõe adicionar, agregar diversos saberes para a construção de um pensamento não-reducionista.

A distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz na disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogênea de guerra. Podemos falar de uma ternura política, de ternura na pesquisa e de ternura na academia, se em cada um desses campos estivermos abertos a uma lógica da imanência, como sujeitos em fuga que deslizam sobre espaços topológicos onde o jogo de forças, de atrações e repulsões, aparece como matéria-prima da conceitualização. Podemos falar de ternura se nos aceitarmos como sujeitos fraturados, para os quais a única modalidade de relação válida é a co-gestão. Sujeitos jogadores, abertos ao intercâmbio gratuito com a ignorância e o acaso que, ao reconhecer a necessidade que têm da seiva afetiva, se mostram dispostos a apostar todo o seu saber por degustar o terno calor dos instantes (Restrepo, 1998:53-54).

No mundo ocidental, em que reina soberana a razão, há a necessidade de se resgatar a afetividade. Afinal, a capacidade de emocionar-nos é o que temos de mais humano. Além de estar presente nas relações interpessoais, o componente afetivo é fundamental na constituição do pensamento e da cognição.

Herdeira da tradição audiovisual, a escola ocidental não apenas privilegia a visão e a audição, mas considera ameaçadores o tato e o olfato. Por isso, para Restrepo, é indispensável a abertura à singularidade e aos componentes passionais do conhecimento para a construção de um sujeito crítico. “Muito mais do que uma atribuição de gênero, a ternura é um paradigma da convivência que deve ser adquirido no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vingança, da sujeição e da conquista”, lembra Restrepo (1998: 13).

Restrepo recorre ao universo escolar para refletir sobre a tradição audiovisual que tanto acorrenta quando exclui o tato e o olfato. “Olhar e não tocar chama-se respeitar” (1998: 32). Nega-se assim a possibilidade de fomentar uma proximidade afetiva, perpetuando-se um distanciamento, o que reforça o poder do mestre.

Os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas. A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império



burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares, argumenta (Restrepo, 1998:37).

Mesmo no campo da ciência e da filosofia, em que a razão impera, verifica-se que um “cientista isolado é inteiramente impensável”. Não se pode mais opor simplesmente razão e emoção em um positivismo típico do século XIX. Se o cientista quiser ir além do seu território, deve reconhecer onde termina a sua competência e começa uma linguagem e atores que são desconhecidos. Nenhuma ciência pode preencher os vazios provocados pela falta de ideologia e de religião. É necessário se abrir à sabedoria cotidiana, considerando que o conhecimento sensorial e sentimental são complementares. É preciso “sentir de verdade”⁴.

A moeda da ciência não é a verdade: é a dúvida. Os avanços da ciência não nos impedem o devaneio nem nos desumanizam. Ao contrário. Continuamos livres para sentir aquela rara sensação de felicidade inexplicável que se torna física, que nos modifica o modo de estar em alguns instantes preciosos de nossas vidas, mesmo fugazmente (Katz, 2004: 257).

O pensamento complexo conduz a um pensamento inovador, que chama a epistemologia complexo-compreensiva para a produção de narrativas plurais, capaz de construir algumas direções que buscam ultrapassar os limites da explicação e proporcionar alternativas para a produção de narrativas mais complexas e compreensivas.

A fuga dos padrões consagrados de obter conhecimento pede passagem e vale ressaltar a proposta de uma observação complexo-compreensiva de Kunsch no pensamento jornalístico que está acostumado a dar destaque às fontes consagradas do poder, onde inexistente espaço para ações humanas anônimas:

A noção de complexidade está longe de constituir uma receita para todos os pequenos e grandes males da crise de paradigmas do pensamento contemporâneo, jogando na lata de lixo da história tudo quanto se disse e se fez até hoje no campo do conhecimento. O que ela traduz é a necessidade imperiosa de juntar e tecer o que foi separado, de fazer dialogar o ontem e o hoje das sempre angustiantes, às vezes trágicas, buscas humanas de compreensão e convívio com o mundo, de renunciar à arrogância intelectual para experimentar o diálogo, de não pôr nunca um ponto final nas questões (Kunsch, 2004: 55).

Os jornalistas e os responsáveis pela cobertura do JC em vários momentos trabalham sob a sombra do signo da incompreensão e colocam com frequência sua

⁴ *Sentir de Verdade* é o nome de um capítulo da obra de Restrepo *O direito à ternura*.



assinatura para jornalismo opinativo imerso em noções reducionistas. As estrelas se tornam um termômetro do que é bom e do que não é bom.

A cobertura que escolhe alguns elementos e descarta outros, que diz o que deve ou não deve ser visto, que denomina de “mais profissional” o jornalismo que precisa atender à maioria de leitores, que busca livrar-se de uma produção que sensibiliza jornalistas, que determina o cinema e a música, por exemplo, como as editoriais mais importantes do jornal está na linha do velho paradigma que diz o que é e o que não é válido, portanto reducionista e não compreensivo.

A idéia de pluralidade como uma maneira sensível e significativa de produzir narrativas culturais propicia uma mudança fundamental na compreensão da prática jornalística, o que implica uma extraordinária transformação que passa do jornalismo difusionista para outro tipo de jornalismo capaz de captar os acontecimentos artísticos de forma relacional.

O JC como é praticado hoje, salvo raras exceções permanece numa caixa de incompreensão e sob o signo da difusão, onde narrativas são inexistentes. A cobertura de dança contemporânea se encontra posicionada por uma produção que privilegia as aspas, os marcos, a trajetória da companhia, sua importância, deixando de lado a construção de narrativas, seu processo de pesquisa.

A crítica se transformou em um espaço onde o autor descreve a obra escolhida de forma tendenciosa, fazendo com que a reflexão não exista e a comunicação se estabeleça.

A possibilidade de existir uma produção de JC que não esteja cotidianamente colado a agenda cultural, não se caracteriza como uma proposta utópica e sim uma proposta dialógica para o registro dos acontecimentos na editoria de cultura e na seção de dança.

A invisibilidade da dança é evidente e se perde no emaranhado de estréias, cinemas, celebridades e discursos reducionistas. A construção de espaços dedicados ao JC e as “danças da contemporaneidade” são necessárias, para que essas narrativas sejam retratadas fora do ambiente reducionista, fora do foco das grandes super produções pré-determinadas pela Indústria Cultural e pela agenda.

Essa atitude provocaria no leitor uma nova experiência de observação da arte como forma de conhecimento do mundo, resgatando assim a natureza do trabalho artístico, absorvendo seus sentidos, fazendo crescer um processo de reconhecimento das interdependências das linguagens como fundamental para um olhar não mutilador.



REFERÊNCIAS

- CAPRA, F. **O ponto de mutação** (tradução Newton Roberval Eicheberg). São Paulo: Ed. Cultrix, 1998.
- KATZ, H. **Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: Ed. FID, 2005.
- KUNSCH, D. A. & LAAN, M. B. (orgs.) **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Ed. Plêiade, 2008.
- KUNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.
- LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.
- MEDINA, C. A. & GRECO, M. (orgs.). **Saber Plural: o discurso fragmentalista das ciências e a crise de paradigmas**. São Paulo: ECA/USP, 1994.
- MEDINA, C. A. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.
- _____. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- _____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência** (tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. **Cultura de Massas no Século XX: Necrose, Vol. 2** (tradução Agenor Soares Santos). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2006.
- _____. **O problema epistemológico da complexidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária, 1984.
- _____. **Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo** (tradução Maura Ribeiro Sardinha). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1975.
- RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

Artigos

- KUNSCH, D. A. Compreendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. In **Communicare**, v.5, n.1, 1º sem., 2005, p.43-54.
- _____. Elogio à razão luminosa. In **Communicare**, v.3, 2003. P.159-161.
- _____. Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo. In **Líbero**, v.15/16, 2005, p.22-31.



- ____ A comunicação jornalística em tempos de ódio: as revistas brasileiras e a guerra contra o Iraque. In **Comunicação Midiática**, v.5, 2006, p. 79-98.
- ____ Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão. In **Líbero**, v.10, n.19, 2007, p.51-59.
- ____ Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador. In **Líbero**, n.22, 2008, p.43-51.
- KUNSCH, D. A. & BARROS, L. M. de. Saber pensar seu pensamento: reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação. In **Líbero**, n. 10, 2007, p.9-20.